

PRÁTICAS DE LEITURAS DOS FORMADORES DE PROFESSORES

**Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues
Luci Gomes da Mata
Renata Ribeiro Monteiro**

Introdução

Considerando que a leitura constitui a base que envolve o processo de construção do conhecimento oportunizando a apropriação da cultura e possibilitando formas de compartilhar e reconstruir os saberes produzidos por grupos num determinado momento histórico, acreditamos que sua prática tende a favorecer a participação efetiva e consciente no meio social. Nas palavras de Brito, “a capacidade de ler e a prática da leitura têm implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática”. (BRITO, 2012, p. 35)

Ao discutir a importância da leitura, Silva (2014, p. 33) nos lembra de que na atual “sociedade da informação”, o professor precisa estar continuamente se atualizando e buscando os conhecimentos necessários, como forma de “acompanhar as descobertas e os avanços no âmbito das matérias que eles têm por responsabilidade ensinar”.

A partir desses pressupostos, afirmamos que a leitura deve configurar-se em atividade diária e constante na vida dos profissionais que se dedicam ao processo de ensinar, incluindo de maneira especial aqueles que atuam na formação dos professores.

Assim, a pesquisa teve como objetivo investigar as práticas de leitura realizadas pelos formadores de professores que coordenavam os encontros de estudo nas escolas da rede pública estadual de Rondonópolis-MT. Pautando-se na abordagem quali-quantitativa, identificou-se as publicações e materiais mais lidos pelos professores coordenadores dos encontros de estudo nas escolas, bem como as principais características relacionadas ao conteúdo e à forma, a frequência de leitura, condições e espaços em que leem e os critérios utilizados para a seleção dos textos para leitura, tanto pessoal quanto a utilizada no momento de estudo coletivo nas escolas.

Para tanto, a pesquisa foi realizada envolvendo trinta coordenadores da rede estadual de ensino, que, mediante um questionário, revelaram importantes dados, os quais foram aqui compilados e analisados à luz dos teóricos que discutem a relevância da leitura na profissão docente.

Os pressupostos teóricos que subsidiaram a discussão e análise dos dados englobam estudos produzidos, por alguns autores, dentre os quais citamos: Andrade (2007), Britto (2012), Ezequiel Theodoro (2000), Gatti (2004), Cassab (2007), Winkeler e Santos (2012), Celusso (2009), Rizzatti (2008), Barzotto (1999), Marinho (1998) e Nóvoa (2009).

Práticas de leitura dos coordenadores como subsídios teóricos para a formação dos docentes

A leitura tem constituído tema central de estudos que envolvem a formação docente nos diferentes espaços em que ela acontece. Atualmente, é possível perceber uma grande preocupação por parte dos estudiosos/pesquisadores em discutir questões relacionadas à formação numa perspectiva de resultados, tendo em vista que as práticas formativas que ocorrem, especialmente nas unidades escolares conforme relato de professores, têm resultado em experiências vazias e pouco significativas. Como consequência desse fato observa-se certa resistência e esvaziamento, por parte dos docentes, nos cursos de formação oferecidos pelas diferentes instituições.

Andrade (2007) destaca a importância das leituras acadêmicas na formação docente e afirma que toda prática pedagógica deveria estar alicerçada nos conhecimentos científicos construídos ao longo da sua formação, constituindo-se “num efetivo processo de transposição didática” (2007, p.23).

Nessa perspectiva, considera-se de suma importância oportunizar práticas formativas docentes através das quais o professor tenha segurança e, ao mesmo tempo, subsídios teóricos para enfrentar os desafios aos quais está sujeito no exercício de sua profissão. A autora acrescenta ainda, que,

Há ao menos dois tipos de conhecimento inerentes à profissão docente que o professor deve constantemente mobilizar e utilizar ativamente: aqueles que seus alunos devem adquirir e aqueles que lhe orientam na ação didática para que esta aquisição ocorra. O que observamos é que ele acaba por restringir-se ao de seus alunos. (ANDRADE, 2007, p. 24).

Nóvoa (2009) ao discutir a questão da formação também aborda a importância de se propor momentos pautados em práticas de leitura significativas, que possam trazer, de fato, soluções para as dificuldades encontradas no interior da sala de aula. Nesse aspecto, defende processos formativos que oportunizem aos docentes a capacidade de uma “*transformação deliberativa*”, de maneira que eles possam, a partir dos saberes

construídos ao longo de sua formação, tomar atitudes urgentes em “resposta a dilemas pessoais, sociais e culturais” (NÓVOA, 2009, p.35).

Brito (2012) ressalta a importância de concebê-la como uma atividade intelectual que requer ações interligadas, relacionadas ao ato de decifrar e compreender textos, imagens, situações etc. Destaca, ainda, a necessidade de saber distinguir os diferentes sentidos da palavra. Assim, fazer a leitura de um filme, uma tela, ou mesmo um texto não verbal, constitui, na verdade, atividades de análise ou interpretações que podem ser caracterizadas como “uma ação intelectual específica que está para além do mero ver [...]”. Contudo, não há signos no sentido estrito do termo, e sim objetos que se oferecem diretamente à visão” (BRITO, 2012, p.31).

Importante salientar que, conforme esse autor, o termo leitura foi utilizado no sentido figurado, visto que, em seu significado estrito, a leitura relaciona-se a uma atividade humana que deve ser sempre mediada pela modalidade escrita.

Dessa forma, a leitura se inclui como uma prática estreitamente vinculada a toda e qualquer atividade desenvolvida no âmbito escolar seja ela relacionada à formação do aluno ou na própria formação docente. Concordando com Brito (2012), afirma-se que,

[...] a capacidade de ler e a prática da leitura têm implicações importantes na participação dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática. (BRITO, 2012, p 35)

Nessa perspectiva, no processo educativo a leitura assume uma função primordial, pois é por meio dela que o educador apropria-se dos conhecimentos culturais, dos saberes pedagógicos, das metodologias e experiências inovadoras que vão contribuir e subsidiar sua atividade docente. Entretanto, infelizmente é fato, que nem sempre se tem dado à devida atenção a prática de leitura nos cursos de licenciatura, nos programas curriculares ou até mesmo nos planejamentos anuais elaborados pelos professores, para o desenvolvimento das atividades pedagógicas no decorrer do ano letivo.

Refletindo sobre isso, Silva (2000) levanta questões pertinentes, afirmando que a ausência da leitura nos espaços de aprendizagem se deve a fatores que envolvem a má formação do professor e as políticas educacionais ineficientes e inadequadas ao contexto brasileiro. Pontua, ainda, que em determinadas comunidades o fator socioeconômico também influencia diretamente nessa questão, considerando que boa parte da população não tem acesso a materiais impressos, especialmente aos do gênero literário.

Atualmente, é possível afirmar que a ausência da leitura na formação contínua de professores ou mesmo a falta de interesse pelas leituras relacionadas à área de formação constitui um fator preocupante, considerando os efeitos negativos que isso pode acarretar para o desenvolvimento de práticas pedagógicas de sucesso.

Refletir sobre as possíveis causas que têm contribuído para essa problemática no âmbito educacional, nos faz perceber que dentre elas, destaca-se o fato de que “existe uma supremacia quantitativa dos veículos eletrônicos sobre os veículos impressos” (MELO apud BARZOTTO, 1999, p.61), gerando, conforme análise desse autor, uma verdadeira “crise da leitura”.

Entretanto, é preciso esclarecer que, ao fazer essa análise, o referido autor não tem como pretensão destacar o valor negativo dos meios de comunicação de massa em detrimento aos meios de comunicação impressos (livros, jornais, revistas etc.), mas sim deixar claro que uma boa parte da população não tendo acesso a esse último grupo, por questões socioculturais, acaba restringindo suas leituras e priorizando os meios de comunicação de massa como veículos únicos de informação.

Além disso, torna-se pertinente lembrar que na sociedade atual as classes trabalhadoras, e aqui destacamos os profissionais da educação, têm enfrentado uma carga excessiva de trabalho, influenciando de maneira decisiva no interesse/ disposição para os hábitos de leituras diárias.

Em pesquisa realizada por Milanese (1978) sobre os meios de comunicação em nosso país, constatou-se que tem havido um crescente aumento da preferência destes em detrimento ao ato de ler. Ele comenta esse fato justificando que

[...] o fornecimento diário de duas horas de programação de TV satisfaz as pessoas e inibe as aspirações de leitura e mais conhecimento, camuflando as necessidades que em outras circunstâncias poderiam ser visíveis. (MILANESE, 1978, p.146-150 apud BARZOTTO, 1999, p.66)

Nesse contexto, ao pensarmos no espaço escolar como ambiente social frequentado diariamente pelos professores, é possível perceber que estes não estão alheios às práticas de leitura, no entanto observa-se que estas acontecem em diversas situações que priorizam a aquisição dos instrumentos necessários ao exercício da docência. Isso tem se revelado como uma grande preocupação, visto que da forma como o ensino tem sido organizado, os professores não são estimulados a buscar conhecimentos específicos tanto à sua área de formação como àqueles relacionados ao ensino aprendizagem dos conteúdos curriculares. Na prática, o que se exige dos professores acaba sendo restringido ao cumprimento de

programas conteudistas, tornando, assim, o professor “um gerente da sala de aula, com a função de garantir a normalidade do processo” (BATISTA, 1998 apud MARINHO, 1998, p. 72).

Percurso metodológico

Esta pesquisa, conforme já foi informado, envolveu alunos da pós-graduação e da graduação e consistiu em estudo investigativo de abordagem quali-quantitativa, pois se objetivou investigar as práticas de leitura realizadas pelos formadores de professores que coordenam os encontros de estudo nas escolas da rede pública estadual de Rondonópolis.

Assim, procedeu-se ao levantamento quantitativo quanto à frequência de leitura dos professores formadores, às condições e espaços nos quais realizam suas leituras e os critérios utilizados para a seleção dos textos. Complementarmente, ao procurar identificar as publicações e materiais mais lidos pelos sujeitos analisando as características relacionadas ao conteúdo e à forma, procedeu-se à análise de cunho qualitativo.

Sobre a baixa frequência de estudos quantitativos na área da pesquisa educacional, Gatti afirma que, “excluindo análises de dados de avaliações de rendimento escolar realizadas em alguns sistemas educacionais no Brasil, poucos estudos empregam metodologias quantitativas.” (GATTI, 2004, p. 13). Contudo, como afirma a mesma autora,

Os métodos de análise de dados que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais. Mais ainda, a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos. As duas abordagens demandam, no entanto, o esforço de reflexão do pesquisador para dar sentido ao material levantado e analisado. (GATTI, 2004, p. 13)

A respeito da pesquisa que se apoia tanto no qualitativo quanto no quantitativo, Cassab (2007, p. 58), citando Minayo (2000, p. 22), argumenta que

O qualitativo-quantitativo tem como diferença sua natureza epistemológica: enquanto as abordagens de áreas como exatas trabalham com equações, estatística e outros instrumentos quantificáveis, apreendendo os fenômenos, objetos de pesquisa, em “[...] sua região visível, ecológica, morfológica e concreta, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Para a coleta de dados foi utilizado como procedimento à aplicação de questionário para levantar dados sobre a formação, preferências, hábitos e práticas de leitura dos

professores formadores – entregue as os coordenadores dos grupos de estudo das escolas da rede pública estadual de Rondonópolis.

O questionário foi entregue a quarenta e um (41) coordenadores pedagógicos. Entretanto, onze (11) não foram devolvidos pelos sujeitos. Assim, os dados aqui apresentados referem-se a 73,17% dos instrumentos entregues que, a partir de então, corresponderão ao universo total de análise. Relevante ressaltar que se trata de um número expressivo, visto que abrange 86,36% das escolas estaduais localizadas na cidade de Rondonópolis, pois vinte e duas (22) escolas foram visitadas, mas em três delas os coordenadores pedagógicos não devolveram os questionários. A seguir, são apresentados os principais dados coletados.

Práticas de leitura: o que os dados evidenciam

Nesta parte do trabalho, descrevem-se as análises dos dados que foram coletados durante a pesquisa acerca das práticas leitoras dos professores formadores. Utilizou-se de gráficos para demonstrar as informações quantitativas seguidas de análises com base em alguns estudiosos sobre a temática leitura.

Os primeiros dados referem-se ao perfil dos docentes, expondo a faixa etária, logo em seguida, a escolaridade e os cursos de pós-graduação. Sequencialmente, descrevem-se os elementos do foco central da investigação, que são as práticas de leitura, partindo do gosto, quantidade, frequência, gosto pela Literatura e os gêneros mais citados como lidos pelos sujeitos.

Um dado inicial foi quanto à faixa etária dos coordenadores pedagógicos participantes da pesquisa. Os resultados apontaram que a maior parte dos profissionais pesquisados está próxima da aposentadoria, visto que o predomínio é de mulheres (80%) que, de acordo com legislação, podem se aposentar com idade média de cinquenta e cinco (55) anos e vinte e cinco (25) anos de contribuição previdenciária, se comprovado efetivo trabalho em sala de aula.

Em relação à escolaridade Nível Médio, verificou-se que, dentre os 30 sujeitos pesquisados, dez (10) cursaram o Magistério, um (1) fez Técnico em Contabilidade e doze (12) o curso Propedêutico. Esse dado pode ser relacionado com a faixa etária dos coordenadores visto que, no Estado de Mato Grosso, ambos os cursos foram extintos a partir de 1994, na rede pública de ensino.

Quanto à formação em nível superior, verifica-se o predomínio de duas licenciaturas: Pedagogia e Matemática. Dentre os oito (8) licenciados em Pedagogia, quatro cursaram na UFMT, sendo que os demais fizeram em instituições privadas diversas, a saber: UNIVAG, UNOESTE, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tupã e CESUR. Em relação aos licenciados em Matemática, constatou-se que cinco (5) cursaram na UFMT e os outros três (3) também em instituições privadas: UNIVEM, UNIVAG e UNIJALES. Observa-se que um (1) sujeito possui duas licenciaturas, (Pedagogia e Ciências Naturais e Matemática), ambas cursadas na UFMT.

Em se tratando de pós-graduação *lato sensu*, verifica-se que, dentre os trinta (30) coordenadores pesquisados, apenas seis (6) não possuíam título de especialista na época da coleta de dados, outros chegaram a informar mais de uma especialização. Nesse campo de formação verificou-se o predomínio das instituições privadas, visto que as públicas foram citadas nove (9) vezes, e, as particulares, quinze (15). Ainda sobre as especializações dos profissionais pesquisados, constatou-se que, do total de vinte e quatro (24) coordenadores pedagógicos, quatorze (14) deles não se especializaram em suas áreas de atuação; isso se consideramos suas formações de base e o fato de que o cargo de coordenador é transitório, tendo vigência de dois (2) anos, podendo ser reconduzido ao cargo por mais um mandato de igual duração.

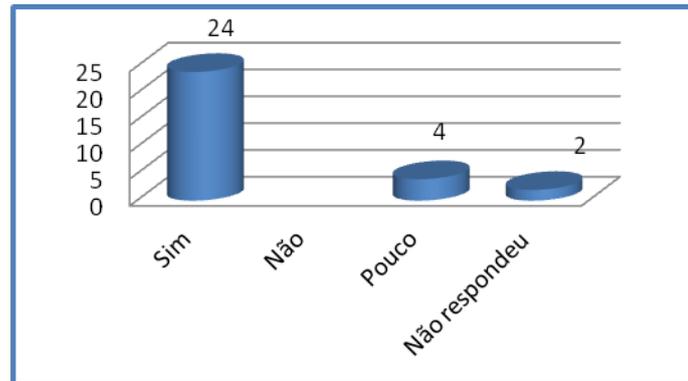
No que concerne à temática específica deste projeto de pesquisa, as estatísticas se cruzam com as de outros estudos de âmbito nacional, visto que recentes pesquisas têm demonstrado que a leitura não constitui uma atividade diária no cotidiano dos professores.

Para ilustrar esses números tomemos como exemplo um estudo feito por Winkeler e Santos (2012) abordando a temática formação, por meio do qual investigaram quarenta (40) licenciandos. No aspecto preferências de leitura, a pesquisa revelou um fato preocupante constatando que livros relacionados à Educação não alcançaram nenhum indicador, enquanto que os de romance atingiram 30% da preferência dos entrevistados. Isso demonstra que a leitura, enquanto elemento que subsidia e instrumentaliza o professor em suas práticas pedagógicas, não é vista como atividade prazerosa, mas concebida como obrigação, tanto na formação inicial como na contínua.

No que tange à leitura dos profissionais que atuam nas escolas públicas, esse dado não se distancia, conforme os dados que serão aqui apresentados.

Sobre a questão relacionada ao gosto de ler ou não dos sujeitos pesquisados segue-se as informações no Gráfico 1 logo abaixo.

Gráfico 1 – Gosto pela leitura



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Sobre a questão relacionada ao gosto de ler ou não dos sujeitos pesquisados expõe-se seguinte comentário

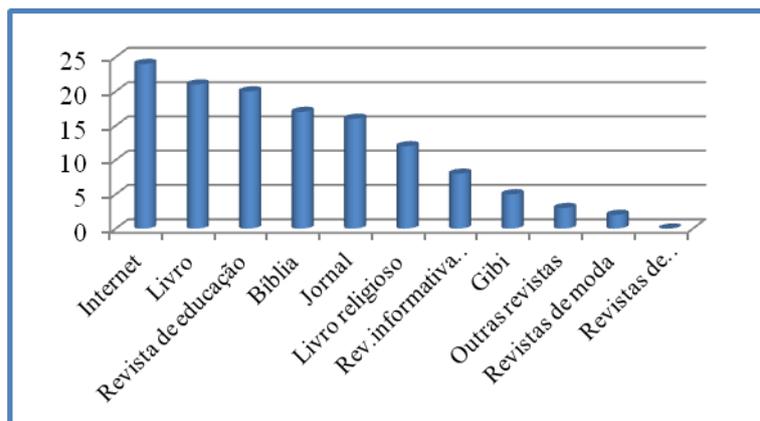
[...] ser leitor depende de diversos fatores que estão além do interesse, hábito ou gosto pela leitura; são necessárias condições objetivas (tempo e recursos materiais) e, principalmente, subjetivas (formação, disposição pessoal), as quais estão desigualmente distribuídas na sociedade de classes. Os processos de compreensão e busca do conhecimento estão relacionados mais com formas de acesso à cultura do que com métodos de ensino e aos programas de formação. (BRITTO, 2012, p. 42)

Neste aspecto, analisando a citação de Britto compreende-se que a condição subjetiva, especificamente da “disposição pessoal”, deva ser a mais adequada aos formadores de leitores, pois, entende-se que os mesmos deveriam ter uma maturidade crítica reflexiva que, independente dos programas de formação, do tempo e materiais, buscariam de forma autônoma e rotineira embasamento nas leituras de estudo que são necessárias para a formação de si e dos outros, o que lhes dariam um poder maior de persuasão para o ato de leitura do grupo em formação.

Nota-se ainda certa contradição em relação aos hábitos de leitura dos sujeitos, pois apesar da maioria afirmar que gosta de ler, ao serem questionados sobre as leituras realizadas nos últimos três (3) meses, não conseguiram citar os títulos dos livros ou nome dos autores dos mesmos.

Outra questão dirigida aos participantes da pesquisa foi a respeito do que gostavam de ler. Obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 2 – O que gostam de ler



Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa (2013)

De acordo com o Gráfico 2, observa-se que a internet é a maior preferência de leitura dos coordenadores entrevistados, com um total de vinte e quatro (24) leitores preferenciais. Os livros aparecem em segundo lugar na preferência, com a frequência de vinte e um (21) leitores. É relevante lembrar que ao mencionar a leitura de livros a pesquisa constatou que boa parte dos títulos não se refere às temáticas específicas na área de formação, mas designam livros de autoajuda ou religiosos, dado que constituiu um total de vinte e oito (28) indicações. Houve apenas sete (7) indicações de títulos relacionados à Educação.

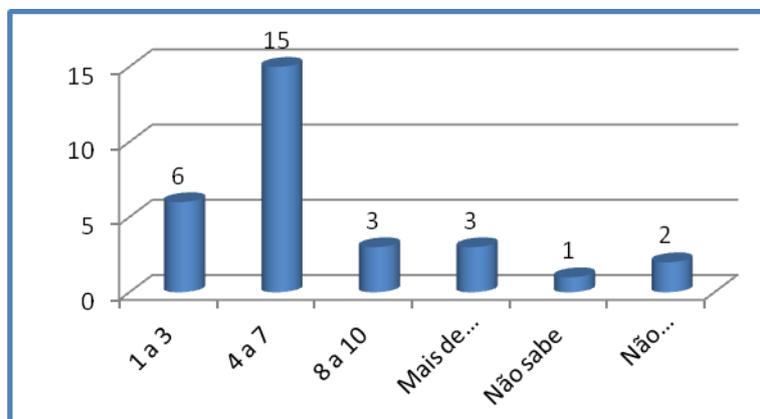
Celusso (2009, p.8652) ao discutir a preferência de leitura por livros de autoajuda entre os profissionais docentes afirma que “o sucesso desse gênero decorre da incapacidade do homem moderno de enfrentar seu tempo com as coordenadas da modernidade: o pensamento racional e científico”.

Assim, a valorização de tais gêneros textuais em detrimento aos específicos de formação, pode ser justificada considerando a necessidade do professor em buscar alternativas para os dilemas relacionados ao campo profissional, subsidiando-se em literaturas imbuídas de valores que tendem a oferecer “falsas soluções” a problemas que exigem uma capacitação específica dos profissionais docentes.

As revistas da área de educação atingiram um expressivo número de leitores vinte (20) ao todo. Ambos os suportes textuais (internet e revista) trazem textos, em geral, curtos e de fácil entendimento. Ressalte-se que era possível ao leitor assinalar mais de um item.

Também foi indagado a respeito da quantidade de livros lidos por ano pelos sujeitos. Obtivemos as seguintes respostas, expressas no gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Quantidade de livros lidos por ano



Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa (2013)

De acordo com o gráfico anterior, podemos observar que a maioria dos entrevistados leu de quatro a sete livros por ano, não chegando à proporção de um livro por mês. Essa é uma média baixa se levarmos em conta que a pesquisa é feita com coordenadores pedagógicos que desempenham nas escolas a função de formadores de professores.

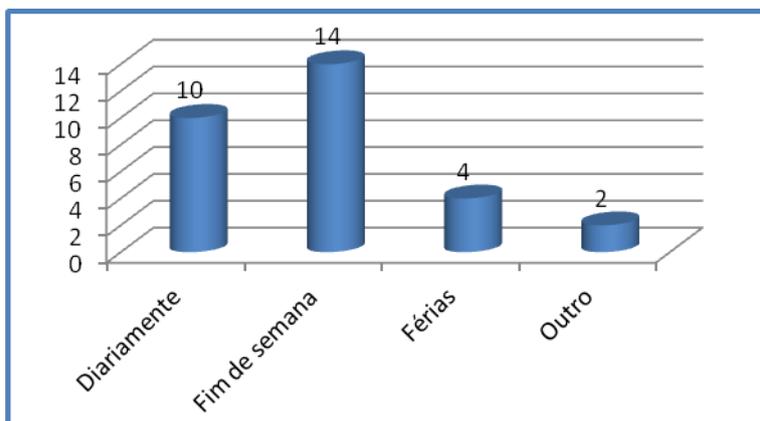
Nesse sentido, concordando com Vygotsky (1956/2000) Rizzatti (2008, p. 57) afirma que “para quem mediar a formação de uma habilidade em outrem supõe tê-la desenvolvido preliminarmente em si mesmo. Assim professores que não são leitores teriam condições de mediar a formação de leitores?”. Vale ressaltar que essa é uma habilidade pouco desenvolvida no sentido específico da formação, pois, conforme se verifica nos gráficos desta pesquisa, a preferência de leitura em destaque é a internet em detrimento da leitura de livros, dentre os quais citados como lidos estão os de autoajuda, religiosos e preferencialmente os do gênero romance.

Ainda sobre a quantidade/ano de livros lidos Rizzatti descreve sobre uma experiência com um grupo de duzentos e cinquenta (250) pós-graduandos em Educação, todos do curso de Pedagogia, que ao serem questionados sobre a quantidade de livros que leram durante o ano, na área de atuação profissional, apenas dezoito (18) responderam ter

lido sobre a temática em questão, já os demais referenciaram livros de autoajuda, literatura espírita ou obras comerciais em voga no momento.

Além dessas questões, foi indagado ao coordenador pedagógico com que frequência ele realizava suas leituras, cujos dados são apresentados no próximo gráfico.

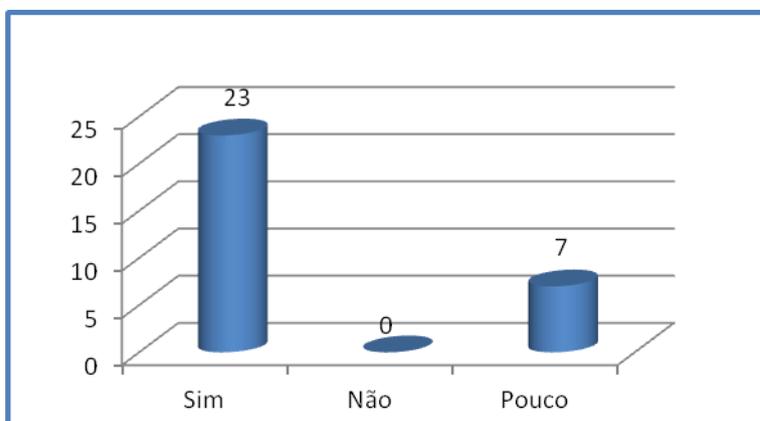
Gráfico 4 – Frequência de leitura dos coordenadores pedagógicos



Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa (2013)

Neste caso, percebe-se que apesar de um terço explicitar ler diariamente, a maioria afirmou ler aos finais de semana, considerando esse índice é possível compreender que essa seja uma leitura prazerosa e não da área de atuação, já que a maioria respondeu gostar de obras literárias conforme evidencia o Gráfico 5.

Gráfico 5 – Gosto pela de Literatura



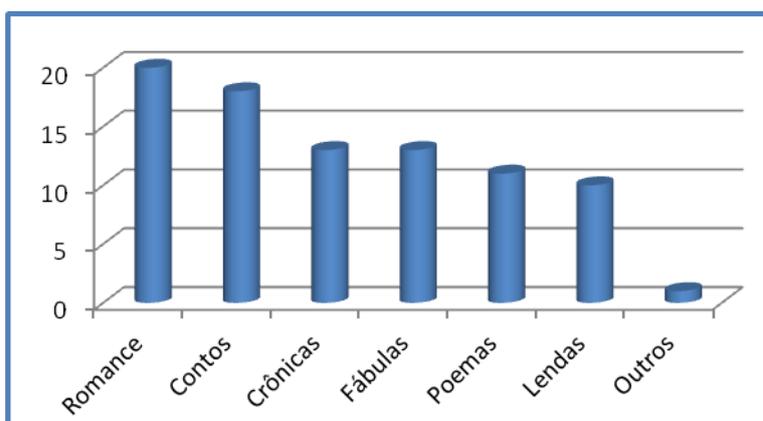
Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa (2013)

Os dados revelam que a maioria afirmou gostar de Literatura. Essas respostas podem estar vinculadas às dadas no gráfico anterior, cujas leituras estão relacionadas às frequências de finais de semana e férias. Entendemos que a frequência da leitura possibilita o desenvolvimento de capacidades cognitivas de interpretação e produção textual do formador e maior poder de persuasão na formação de professores leitores proficientes. Como argumenta Britto, a leitura frequente permite situações positivas de ampliação da subjetividade e da capacidade de agir com propriedade na sociedade. Seria, portanto, segundo ele, um hábito humanizador.

De acordo com Britto, a leitura literária exige comprometimento, rigor e perseverança, e estes, rigor e comprometimento, constroem as condições de liberdade de leitura do leitor. Nesse aspecto, sendo ela lúdica e prazerosa, toma o tempo e o espaço das leituras de estudo. No entanto, ainda conforme Britto, a literatura tem o seu valor de realização da liberdade e de autoconhecimento, e o leitor a ela tem direito.

Embora os sujeitos tenham expressado gostar de ler, fazê-lo com frequência e apreciarem literatura, ressalta-se que a média de livros lidos, segundo eles próprios informaram, não chega a sete livros/ano. Complementando as informações anteriores, o gráfico a seguir refere-se aos gêneros literários apreciados pelos coordenadores participantes da pesquisa.

Gráfico 6 – Gêneros literários preferidos pelos coordenadores pedagógicos



Fonte: Dados obtidos por meio da pesquisa (2013)

Como se vê, o gênero preferido pelos coordenadores pedagógicos é o romance. Este dado, se cruzado com a leitura de livros religiosos, revela-nos que, dentre os romances, há a indicação dos religiosos/espíritas, ou seja, a citação desse gênero não está, necessariamente, ligada aos cânones da academia, no entanto, essa preferência justifica-se conforme Celusso (2009), pelo “desejo de ser bem sucedido no mercado profissional, encontrar o melhor caminho para a satisfação pessoal, estar bem relacionado com o outro”.

Embora os sujeitos tenham indicado como critérios para a compra de livros a indicação feita por outras pessoas, seguida pela qualidade e o título da obra, o que se verificou é que a leitura de livros não integra os hábitos cotidianos dos sujeitos, sendo mais frequentes durante as férias e finais de semana.

Algumas considerações

Em linhas gerais, verificou-se que os sujeitos se identificam como leitores, embora tenham respondido que leem uma média de quatro a sete livros por ano. O material preferido de leitura apontado por eles foi texto de internet vinte e quatro (24), seguido por livros, vinte e uma (21) e revista da área de Educação, vinte (20). Quanto aos gêneros textuais da literatura, os mais citados foram o romance com vinte (20), contos dezoito (18), crônicas e fábulas, ambos com treze (13) citações cada.

Como se constata, não obstante os sujeitos leiam com frequência, os materiais preferidos são textos curtos, de fácil acesso e de baixo custo, como os da internet (geralmente acessados na própria escola) e revistas da área educacional, também entregues no âmbito escolar e sem custos para a aquisição. Tal prática denota pouco investimento na aquisição de materiais que possam vir a constituir acervo pessoal de leitura. Ressalte-se que não foram mencionados títulos que compõem o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola, que envia às escolas públicas livros de boa qualidade voltados tanto para a formação e leitura dos professores, quanto para o trabalho específico em sala de aula.

Portanto, atualmente as escolas dispõem de materiais de leitura ao alcance de alunos e professores, embora ainda não sejam em número suficiente para todos e, não raro, estejam arquivados e indisponíveis em muitas instituições. Aqui cabe o questionamento suscitado por Rizzatti (2008, p. 56), “como professores que não são leitores podem formar alunos leitores”?

Como se vê, as práticas de leitura reveladas pela pesquisa apontaram para o fato de que ela não é frequente no cotidiano escolar. Além disso, enfatize-se que a pesquisa foi feita com os formadores de professores, cujo papel é, dentre outras questões, o de promover o estudo, reflexão crítica e redimensionamento da prática docente. Entretanto, tais sujeitos não citaram o uso da leitura de estudo como instrumento possibilitador do aprofundamento teórico – seu ou dos professores a ele vinculado.

Referências

ANDRADE, Ludmila Thomé. **Professores leitores e sua formação**: transformações discursivas de conhecimentos e de saberes. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2007.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Os professores são “não-leitores”? In: MARINHO, Marlides e SILVA, Ceres Salette R. **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil.1998.

BARZOTTO, Valdir Heitor. **Estado de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil.1999.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitor interdito. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceres Salette Ribas da (Org.). **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB, 1998. p. 61-78.

_____. **Inquietudes e desacordos** – a leitura além do óbvio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

CELUSO, Silvia. Os professores leitores dos livros de “Auto-ajuda”: uma representação social a respeito da “vida escolar”. In: **Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores – Formação de Professores e a prática docente**: Os Dilemas Contemporâneos. São Paulo: Águas de Lindóia, 2009, p. 8651-8657.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

GATTI, Bernardete A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**. Vol. 30 N. 1 ISSN 1517-9702. São Paulo Jan./Abr. 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceres Salette Ribas da (Org.). **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB, 1998. p. 23-59.

NÓVOA, Antonio. **Professores: Imagens do futuro presente**. 3. ed. Lisboa: Educa,2009.

RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. Implicações metodológicas do processo de Formação do leitor e do produtor de textos na escola. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, p. 55-82, jun. 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**- fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Leitura de si, o professor enquanto pessoa. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; ALB, 2014.

WINKELER, Antonio F. de Araújo; SANTOS, Maria S. Bacila. A crise da leitura na formação docente: Uma análise das práticas leitoras dos futuros professores. IX Anped. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.